

A PROBLEMÁTICA DO “NADA” EM “L’ACTION”(1893) DE M. BLONDEL

Cláudio Neutzling*

RESUMO: Estuda-se a II Parte de ‘*L’Action*’ (1893) de M. Blondel, que examina a solução negativa da ação. Após expor, brevemente, os principais argumentos a favor do “nada”, Blondel mostra que a Filosofia Crítica é a raiz do pessimismo metafísico, porquanto pôs em conflito a razão especulativa e a razão prática, rompendo a unidade fecunda da ação, o que acabou desembocando no voluntarismo niilista de Schopenhauer. Contudo, não se pode afirmar o nada do homem e da ação em nome da experiência e da ciência. Há contradições no sistema voluntarístico de Schopenhauer. A palavra final do pessimismo é “querer ser”. Existe algo, e a vontade sempre quer algo. Distinguindo “vontade que quer” (‘*volonté voulante*’) e “vontade querida” (‘*volonté voulue*’), Blondel aponta para a abertura infinita da “vontade que quer”: a própria “ação” exige o transcendente.

PALAVRAS-CHAVE: Blondel, ação, nada, vontade.

Introdução

Maurice Blondel (1861-1949), filósofo francês, conhecido pela sua obra “*L’Action*” (1893)¹, tese de doutorado, tentou assumir a problemática da modernidade e superar seus impasses através do *método* da imanência, sem aderir, contudo, à *doutrina* da imanência. O próprio subtítulo de “*L’Action*” caracteriza o objetivo da obra: “*Ensaio de uma crítica da vida e de uma ciência da prática*”.

* Professor de História da Filosofia na Universidade Católica de Pelotas – RS. O presente artigo é fruto da intervenção do Professor, como pós-doutorando, no seminário “M. Blondel: *L’Action* 1893”, dirigido pelo docente Dr. Mons. Sante Babolin, e do curso “O destino humano à luz de Blondel”, ministrado pelo Prof. Dr. P. Marc Leclerc SJ, no 1º semestre do ano acadêmico 2001/2002, na Universidade Gregoriana de Roma – Itália.

¹ BLONDEL, Maurice. *L’Action (1893). Essai d’une critique de la vie et d’une science de la pratique*. Paris : Presses Universitaires de France, 1973. Tradução espanhola : *La Acción (1893). Ensayo de una crítica de la vida y de una ciencia de la práctica*. Introducción, versión y notas de Juan Maria ISASI y Cesar IZQUIERDO. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1996. Esta tradução espanhola será utilizada pelo articulista para as citações e referências de “*L’Action*”, como também para a tradução portuguesa de alguns dos textos significativos. É bom observar que Blondel retomará sua obra de 1893, com significativas alterações, publicando-a em dois tomos, nos anos de 1936-1937: *L’Action. Tome I: Le Problème des Causes secondes et le Pur Agir. Tome II: L’Action Humaine et les Conditions de son Aboutissement*. Paris : Alcan, 1936 e 1937 respectivamente. Contudo, clássica e original ficou sendo a edição de 1893, à qual nos ateremos no presente estudo.

Na “Introdução” da obra, Blondel começa colocando uma pergunta que vai orientar toda sua pesquisa: “*Sim ou não? A vida humana tem um sentido e o homem, um destino?*”² O autor passa, então, a constatar que o ser humano “atua”, sem mesmo saber o que é a “ação”, nem o que se oculta em seus atos. Mas o problema da ação se põe de modo inevitável, e o homem o resolve de maneira justa ou errada³. Por evidência imediata, diz Blondel, percebemos que “*a ação em minha vida é um fato*”⁴. Mais do que um fato, é uma necessidade, que nenhuma doutrina nega, porque esta negação exigiria um esforço supremo, pois o próprio suicídio ainda é um ato. Torna-se, portanto, inevitável estudar a “ação”.

Contudo, há os que pensam que o problema da ação nem existe. A estes Blondel caracteriza como “diletantistas”. A questão da não existência do problema da ação é examinada na primeira parte da obra⁵. A posição do “diletantistas” é expressa na figura do ‘esteta’ e do homem de ciência. Blondel conclui, afirmando que os “diletantistas” não podem negar que existe a vontade, pois não é possível a “não-vontade” ou “nolontade” (*nolonté*)⁶, ou seja, querer não querer:

“Saber que não se quer nada, significa querer o nada. E ‘não quero querer’, *nollo velle*, se traduz, imediatamente, na linguagem da reflexão, nestas duas palavras: ‘quero não querer’, *volo nolle*. A menos que se violentem as leis da consciência, não moral, mas psicológica, a menos que se dissimule com uma sutileza somente verbal a verdade das coisas, o único sentimento de uma ausência de vontade implica a idéia de uma vontade que não quer e que abdica”⁷.

Segundo Blondel, na vontade pode-se distinguir o “voluntário” ou “vontade que quer” (*volonté voulante*) e a “vontade querida” (*volonté voulue*)⁸, distinção que acompanhará toda a obra e será

² Cf. BLONDEL, M. *La Acción (1893). Ensayo de una crítica de la vida y de una ciencia de la práctica*. Introducción, versión y notas de Juan Maria ISASI y Cesar IZQUIERDO. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1996, p. 3. A Introdução de ‘L’Action’ vai das pp. 3 à 17.

³ Cf. *Idem*. p. 3.

⁴ Cf. *Idem*. p. 4.

⁵ A I Parte de ‘L’Action’ traz por título “*Existe um problema da ação?*” e vai da p. 19 à 43.

⁶ Blondel cunhou certas palavras, como “*nolonté*”, que foi traduzida para o espanhol como “*noluntad*” (Cf. *Op. cit.* p. 30, 32, 33, 37, 40, 42 etc.): Indica a presença inevitável da vontade, inclusive quando se trata de “não querer” ter vontade, pois “não querer querer” ainda é um “querer”.

⁷ Cf. BLONDEL, M. *Op. cit.* p. 33.

⁸ Cf. *Idem*. p. 40. Ainda que encontremos vários textos da obra que falam desta dúplice vontade, o mais claro parece-nos seja este: “Ao se propor a liberdade como fim, sente-se uma desproporção entre a vontade que quer, *quod procedit ex voluntate*, e a vontade querida, *quod voluntatis objectum fit*. Experimenta-se a dor de uma eleição e de um sacrifício” (Cf. BLONDEL, M. *Op. cit.* p. 167). A síntese deste duplo querer é feita pela ação (Cf. *Idem*. p. 66). Para compreender melhor o sentido e a dinâmica deste

essencial para a compreensão do movimento geral da reflexão do autor. Trata-se, contudo, de saber “o que” a vontade “quer”. Há quem afirme que ela quer o “nada”. Exige-se, pois, que se explore esta via ou a solução negativa da ação, assunto tratado na II Parte de “L’Action”⁹, que é objeto da presente pesquisa.

Nosso estudo irá começar pelo exame da proposta do “nada”, chamada pessimismo ou também niilismo, acompanhando Blondel no seu rápido estudo do voluntarismo de Schopenhauer¹⁰. Passaremos, então, à crítica blondeliana ao pessimismo niilista, para chegar à conclusão que “existe algo”. A constatação de que existe algo conduz a reflexão à seqüência das partes sucessivas de “L’Action”, às quais apenas faremos uma pequena alusão, a fim de compreender o arcabouço geral da proposta do autor. Passemos, pois, ao estudo da solução negativa para o problema da ação, ou seja, o caminho ou via do “nada”¹¹.

1. Proposta niilista: a vida tende para o nada

Começamos com a constatação de que todas as pessoas agem. A questão, porém, é saber para que fim atuam os homens. Ora, pareceria que nossos atos acabam no nada, como também irão parar no nada todos os sistemas viventes. Sendo assim, para os espíritos lúcidos, livres e fortes, a última palavra de libertação e da certeza experimental é saber que se chega à aniquilação, querendo-a, pois com a morte tudo acaba. Segundo esta concepção, o mal e o sofrimento nascem exatamente da revolta contra este feliz aniquilamento¹². Contudo, o nada é tão certo que

duplo querer, talvez seja oportuno examinar outras passagens de “L’Action” que referem diretamente o assunto, como, por exemplo, as pág.. 66, 167, 191, 321, 381-2..

⁹ A II Parte de “L’Action”, na edição espanhola, traz por título “*La solución del problema de la acción ¿es negativa?*” e vai da p. 45 à p. 67. Na obra homônima de 1936-1937, Blondel retoma a problemática do nada e do pessimismo schopenhaueriano no Tomo segundo, II Parte, com o título: “*A la recherche du port*”. Cf.: *L’Action. Tome second. L’Action Humaine et les Conditions de son Aboutissement*. Paris : Presses Universitaires de France, 1963, pp. 59-88. Esta II Parte do Tomo segundo de 1937, traz os seguintes capítulos: “*I – L’Action Humaine vient-elle et veut-elle aboutir au néant?*” (pp. 61-71) e “*II – Havre illusoire : Ce que recèle la conscience ou la volonté du néant*” (pp. 72-82), passando para um momento conclusivo : “*Halte et délibération*” (pp. 83-88), iniciando com a frase : “*La voie du néant est fermée*”. Mesmo que o texto da edição de 1937 tenha sofrido algumas reelaborações, as idéias e frases são basicamente as mesmas da edição de 1893.

¹⁰ O pessimismo de Schopenhauer, de certo modo, está presente em toda ‘L’Action’, obra que talvez poderia ser lida como uma refutação ao pessimismo niilista, enquanto Blondel está constantemente preocupado com o sentido da vida humana, para concluir que ela tem sentido: Cf. TROISFONTAINES, Claude. *La Critique de Schopenhauer dans L’Action*. In : FERRARI, Jean (ed.). *Recherches Blondéliennes. A l’occasion du centième anniversaire de la soutenance de ‘L’Action’, le 7 juin 1893. Dijon, le 7 juin 1993*. Dijon : Éditions Universitaires de Dijon, 1994, pp. 77-95.

¹¹ Para uma exposição sintética da via do nada, Cf. LECLERC, Marc. *La via del nulla. Confutazione del pessimismo*. In: IDEM, *Il Destino Umano nella Luce di Blondel*. Assisi: Cittadella Editrice, 2000, pp. 147-156.

¹² Cf. BLONDEL, M. *Op. cit.* p. 47.

tanto faz desejá-lo ou temê-lo¹³. Não há, pois, esperança: tudo caminha para a morte, para o nada. Isto podemos ver, pela experiência, com a prática da vida, como também pela ciência positiva e pela crítica metafísica¹⁴. Façamos, pois, com Blondel, um exame destas três instâncias.

1.1 - Conclusão da experiência: o nada da vida e dos atos humanos¹⁵

A grande maioria dos homens orienta-se com os sentidos, sofre e se lamenta. A vida é sofrimento, desilusão, traição, desventura, amargura, desgosto, tristeza, ilusão. Os mais felizes são, o mais das vezes, os mais tristes. Até na abundância esconde-se uma estranha miséria. Cansamos de viver. No fundo, não restam senão o desgosto e o nada. Fortuna, ambições, êxito, que é isso? Ao final, acabam apenas resultando no desencanto e no nada¹⁶.

O que devemos concluir desta experiência universal da vaidade de tudo? Em primeiro lugar, se a vida é tão má como parece, é porque lhe pedimos o que não pode dar, porque a tomamos como ela não é e, em última instância, ouvimos da mesma a resposta desesperante da morte, quando, na verdade, ela pronuncia uma serena e consoladora palavra do 'nada'. Em segundo lugar, a vida será boa como pode ser, quando livres de toda pretensão quimérica, a olhamos de frente, assim como ela é, ou seja, tranquilamente. Isto nos pode parecer uma realidade brutal, mas é também a libertação. Em outras palavras, a vida dos sentidos e da experiência nos atestam que não há nada em nossos atos, não há nada para além deles¹⁷.

1.2 - Conclusão da ciência: não existe senão o nada¹⁸

Se a vida dos sentidos e da experiência é o nada da vida e dos atos humanos, esta é a mesma conclusão da ciência. De fato, a pesquisa científica desemboca num vazio ainda mais profundo. É vão conhecer, porque o conhecimento põe em evidência um desejo insatisfeito e inexplicável: o incognoscível e a vaidade do ser humano¹⁹. Com seu próprio desenvolvimento, a ciência multiplica nossos conhecimentos, mas, afinal, o que é um simples "fato"? Podemos colocar-nos na presença de um fato positivo, palpável, completo? A resposta é negativa, pois todo

¹³ Cf. *Idem.* p. 48.

¹⁴ Cf. *Idem.* p. 47.

¹⁵ Cf. *Idem.* p. 48-49. Embora não o cite explicitamente, Blondel apresenta aqui algumas afirmações do escritor e filósofo Maurice BARRÈS ((1862-1923), especialmente de sua obra "*Le culte de moi*").

¹⁶ Cf. BLONDEL, M. *Op. cit.* p. 48.

¹⁷ Cf. *Idem.* p. 49.

¹⁸ Cf. *Idem.* p. 49-51.

¹⁹ Cf. *Idem.* p. 49-50.

fato já é uma complicada ficção, uma integração orgânica, uma construção mental, quase a conclusão de um raciocínio, uma ação do espírito. Mas, segundo a ciência, o que é mesmo o espírito, o que é a ação? A ciência responderá que há que esperar que a fisiologia termine por desmontar o mecanismo cerebral, que a química tenha descoberto as últimas divisões da matéria, que a matemática tenha encontrado a fórmula única que se estenderá desde a cristalografia atômica até o funcionamento social. A ciência deixa, portanto, uma enorme quantidade de realidade desconhecida. Embora ela tenha feito a análise científica dos atos humanos, mesmo que ela não esteja acabada, decompondo-os em suas unidades orgânicas, procurando penetrar no mecanismo intelectual, como uma máquina fisiológica, para reduzi-la a seus elementos, a ciência acaba por demonstrar que o nada é o término do que se chama pessoa, sua vida, seus atos e seu destino²⁰. Em vão pedimos, pois, à ciência razões para o sentido da vida e de nossa ação. No campo de sua competência, também a ciência não encontra, senão o nada e não vê mais que o nada²¹.

1.3 - O pessimismo metafísico: o sistema do nada²²

O nada da ação é também a conclusão da crítica metafísica. O nada é o fim para o qual ela encaminha o pensamento e a vontade do homem. De fato, o pessimismo é uma filosofia da ação que começa por fazer o homem desesperar, para purificá-lo de seu falso apego à vida, até o ponto em que a vontade aspire ao não ser, para fundir-se nele²³. Em rápidas pinceladas, seguindo a análise blondeliana, consideremos a história e o desenvolvimento desta doutrina ou do sistema do nada.

2. Raízes filosóficas do pessimismo niilista

Tendo feito uma rápida constatação da proposta pessimista no âmbito da experiência da vida, bem como dos resultados da ciência e da alusão ao sistema metafísico do nada, passemos ao exame das raízes filosóficas deste sistema. Na sua análise da questão, Blondel alude brevemente à Filosofia Crítica de Kant, afirmando que esta filosofia possibilitou o desenvolvimento do Voluntarismo de Schopenhauer, o qual construiu o verdadeiro sistema do pessimismo niilista.

2.1 - Legado da Filosofia Crítica de Kant ao pessimismo

A Filosofia Crítica mostrou a existência de um conflito entre a razão especulativa e a razão prática²⁴. De outra parte, a ação humana

²⁰ Cf. *Idem.* p. 50-51.

²¹ Cf. *Idem.* p. 50.

²² Cf. *Idem.* p. 51-54.

²³ Cf. *Idem.* p. 51.

²⁴ Embora nesta passagem de “L’Action” Blondel não cite explicitamente o nome de Kant, como fará em outros momentos da obra, fica evidente que aqui há uma referência

procede de todas essas faculdades, apresentadas pelo kantismo como sendo mutuamente estranhas e hostis entre si, no interior do homem. De fato, pelo pensamento, que ilumina a origem e realização da ação, esta é de ordem intelectual; já pela intenção e boa vontade, a ação pertence à ordem moral, enquanto pela execução, ela pertence ao mundo da ciência²⁵. Portanto, se existe uma antinomia entre o determinismo dos movimentos e a liberdade das intenções, se o formalismo moral não está em relação com as leis da sensibilidade e do intelecto, se foi interrompida qualquer união entre pensamento, sentido e atividade voluntária, se o homem foi despojado de toda capacidade metafísica e do sentido do ser, estando rodeado de realidades impenetráveis, então há uma ruptura entre a força do viver e a audácia de pensar. Deste modo, com o pretexto de revitalizar e de fortificar a razão prática, arruinou-se, ao mesmo tempo, com um golpe de morte, a razão pura. Se a metafísica, a ciência e a moral são estranhas ou até hostis entre si, isto faz com que o ser seja ininteligível e incerto. Ora, se as faculdades humanas não são solidárias, não servem para nada²⁶. Estes dados levam Blondel a concluir que, desde o momento em que a Filosofia Crítica rompeu a unidade fecunda da ação, o pessimismo latente acabou adotando a forma de um sistema e entoou o hino do nada²⁷, desembocando no Voluntarismo pessimista de Schopenhauer.

2.2 - O Voluntarismo pessimista de Schopenhauer²⁸

Na esteira do conflito das faculdades humanas do criticismo, Schopenhauer conclui que é da vontade íntima e somente dela donde

às três Críticas: *Crítica da Razão Pura*, *Crítica da Razão Prática* e *Crítica do Juízo*. De outra parte, Kant é um filósofo citado em muitas partes de 'L'Action', podendo-se afirmar que, se Blondel, de uma parte é também um crítico da filosofia kantiana, de outra, lhe é devedor. A propósito, Cf. DIDERI, Diogène. *Lecture blondélienne de Kant dans les principaux écrits de 1893 à 1930. Vers un dépassement de l'idéalisme transcendantal dans le réalisme intégral*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1999.

²⁵ Cf. BLONDEL, M. *Op. cit.* p. 51-52.

²⁶ Cf. *Idem.* p. 52.

²⁷ Cf. *Ibidem.*

²⁸ Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão de tendência pessimista, é explicitamente citado e criticado por Blondel nesta II Parte de 'L'Action' e tem, como obra principal, "*O mundo como vontade e representação*" (1818), traduzido para o francês por A. Burdeaux. O pensamento schopenhaueriano havia-se difundido bem cedo e de modo amplo no ambiente da França, o que, por certo, explica a preocupação de Blondel: Cf. BAILLOT, A. "*Influence de la philosophie de Schopenhauer en France*". Paris: Alcan, 1927. A propósito, observe-se, de fato, que Blondel possuía as seguintes obras de A. Schopenhauer em sua biblioteca pessoal: "*Le monde comme volonté et comme représentation*", tradução de A. Burdeaux, Paris: Alcan, t. 1, 1888, t. 2, 1889, t. 3, 1890; "*Le fondement de la morale*", 3 ed., 1888 (a 1ª ed. francesa é de 1879); "*Essai sur le libre arbitre*", 4 ed., 1888 (a 1ª ed. francesa é de 1877); "*Pensée et fragments*", 9 ed., 1889. Pode-se ver que estas obras estão com edição francesa bem anterior à publicação de 'L'Action' (1893). Cf. TROISFONTAINES, Claude. *La Critique de Schopenhauer dans L'Action*. In: FERRARI, Jean (ed.). *Op. cit.*, 1994, p. 77.

surgem a desaprovação e a libertação do ser. Vive-se e existe-se por uma ilusão do ser, pois se quer ser, quando, na realidade, não se pode ser. É, exatamente aí, que está a fonte do mal e da dor inexplicável ou do puro absurdo, do qual há que se curar. O mal não é o ser, mas a consciência do ser, a vontade de ser, a ilusão de ser²⁹. Assim, frente à maldade de tudo, Schopenhauer parece afirmar que o nada é o bem, que o nada existe e que o ser é o mal, que o ser não existe. Assim, a vontade, desprendida de suas ilusões e de seus vínculos com o mal, volta à sua essência. Ao morrer para o mundo das paixões e do egoísmo, a vontade nasce para um novo ser, concebe-se mediante a destruição voluntária e a abnegação. A tendência de todo ser em perseverar no ser, a luta pela existência, todo o instinto de conservação e de conquista, não é somente enganoso, mas está enganado, pois é a ilusão de uma ilusão. Toda a imensa opressão dos corações nasce do fato de que, não existindo, pensam existir e querem existir. Não que o temor do nada seja realmente o mal e o ser, senão que a verdade e o bem são o desejo, a vontade de não ser. Uma vez que a vontade de ser não consegue ser e aí se acha a dor suprema, uma vez que a vontade de não ser traz um consolo infinito às almas, o que faz falta é matar em si, não o ser, mas a vontade quimérica de ser, ou seja, arrancar até às últimas raízes o desejo e todo amor à vida³⁰. Desmascarar as trapaças de todo o instinto de conservação e de sobrevivência é procurar a salvação no nada, nada que há que definir-se como a ausência do querer³¹.

Portanto, a salvação está no nada, definido como ausência de querer: “Nada da vida sensível, nada da investigação científica, nada da especulação filosófica, nada da atividade moral”³². O pessimismo nos leva a embalsamar todas as aparências enganosas da realidade, todas as infelizes veleidades da existência. A abdicação suprema é a que suprime em sua causa o mal e o sofrimento, fazendo amar e desejar o nada³³.

Ao final das considerações sobre o sistema do pessimismo, Blondel pergunta, se minha vontade mais sincera e profunda aspira à aniquilação como a um refúgio seguro, como a um fato da experiência, como a uma verdade científica, como a última conquista da sabedoria filosófica, quem poderia dizer-me sem cair no absurdo: “Não se pode morrer, é necessário ser!”³⁴

²⁹ Cf. BLONDEL, M. *Op. cit.* p. 53.

³⁰ Cf. *Ibidem.*

³¹ Cf. *Idem.* p. 53-54.

³² Cf. *Idem.* p. 54.

³³ Cf. *Ibidem.*

³⁴ Cf. *Ibidem.*

3. Crítica de Blondel ao pessimismo niilista³⁵

Blondel procura demonstrar que não se concebe, nem se quer o nada, e que não se pode afirmar o nada do homem em nome da experiência e da ciência, porquanto “querer ser” é a última palavra do pessimismo.

3.1 - Não se concebe, nem se quer o nada

Blondel afirma que não há nem concepção própria, nem vontade deliberada e sincera do nada. De fato, indo até a raiz da metafísica do pessimismo, na sua aniquilação do querer, descobre-se um conflito, pois existem dois movimentos divergentes: um que leva a vontade para um grande ideal e para um elevado amor do ser, outro que a entrega ao desejo, à curiosidade, à obsessão do fenômeno³⁶. Por isso, Blondel pode concluir que não se concebe, nem se quer o nada:

“A quem quer que esteja persuadido de conceber e querer o nada como término de sua ação pessoal, há que responder: não se concebe, nem se quer o nada. E a impossibilidade de ter uma idéia simples e distinta do nada não é mais do que a tradução, em ordem intelectual, de uma sincera e soberana decisão da vontade. A concepção e o desejo artificial do nada derivam, pois, de uma inseqüência e de uma debilidade na ação querida”³⁷.

Ele recomenda que se examine melhor a questão da via negativa para a ação e se apontem as contradições internas daquilo que se poderia chamar de niilismo³⁸, descobrindo os motivos secretos daqueles que “em nome da experiência, da ciência ou da crítica metafísica, crêem e aspiram à destruição da pessoa humana”³⁹. Antes de tudo, observe-se que a idéia do nada, mais do que qualquer outro estado de consciência reflexa, não é um estado simples⁴⁰. De fato, poder-se-ia dizer que, se penso o nada, há um sujeito pensante e um objeto pensado e, neste caso, o nada pertence ao ser. Em outras palavras, o conceito do nada esta subordinado à idéia positiva do ser. Em todo caso, para conceber o nada, deve-se começar por

³⁵ No cap. II da Segunda Parte de “L’Action”, Blondel faz uma análise crítica da solução negativa da ação, ou seja, do pessimismo niilista, com o título: “Não existe uma solução negativa do problema da ação” (Cf. *Op. cit.* pp. 55-67).

³⁶ Cf. BLONDEL, M. *Op. cit.* p. 54.

³⁷ Cf. *Idem.* p. 55.

³⁸ Blondel reconhece que, no tempo em que escreve esta sua obra, o termo niilismo talvez houvesse tomado um sentido diverso do que o utilizado por ele, em relação ao pessimismo schopenhaueriano (Cf. *Op. cit.* p. 55). De fato, é bom lembrar que, em 1893, as obras de Nietzsche começavam a ser conhecidas também na França, e o debate sobre a questão do niilismo se ampliava e radicalizava.

³⁹ Cf. BLONDEL, M. *Op. cit.* p. 55.

⁴⁰ Blondel faz referência a alguns pensadores, citando que esta questão do nada é analisada desde Platão e de Descartes a Hamilton, Schopenhauer, Spencer e Büchner (Cf. *Op. cit.* p. 55).

afirmar e por negar algo diferente dele, de modo que o mesmo pensamento que se tem dele, se mantenha fora dele, e não o ponha, senão fugindo inevitavelmente dele e envolvendo-o com uma espécie de presença eterna⁴¹.

Uma vez que não se pode conceber pura e simplesmente o nada, talvez fosse legítimo concluir que também não se pode absolutamente querê-lo. De fato, se não se concebe o nada, é porque não o queremos, quando, porém, parece que o queremos, pois a proposta do pessimismo é justamente indicar o nada como solução de todo sofrimento e de toda dor do viver e do existir. Então, como parece que o queremos, há que perguntar o que se esconde sob estas palavras e em que consiste este querer?⁴²

3.2 - O que significa querer e experimentar o nada?

Segundo Blondel, querer e experimentar o nada:

“consiste na paixão sem escrúpulo dos prazeres, no apego à vida dos sentidos, na ardente busca do bem-estar, na leveza nas coisas sérias e na seriedade nas coisas frívolas, no desprezo do homem e na exaltação do eu. Quer-se o nada e se desfruta de todo o possível: vontade fingida, experiência fictícia, embuste. Sabe-se o que oculta este desejo vergonhoso, já que é interessado? Um amor desordenado do ser, e do bem-estar”⁴³.

Portanto, por detrás da afirmação e da busca do nada, esconde-se o amor do ser. De fato, Blondel continua sua reflexão, perguntando pelo significado da procura dos pessimistas pelo nada:

“O que significa verdadeiramente querer e experimentar o nada? Significa que, pela renúncia, prescinde-se dos bens aparentes, significa que (...) mutilam-se os desejos naturais e suprimem-se pouco a pouco as energias espontâneas da vida, significa que, por extinção gradual do eu, morre-se pouco a pouco e, através desta motivação, faz-se a comprovação decisiva do não ser”⁴⁴.

A isto, Blondel acrescenta que pareceria haver uma experimentação metafísica do nada, mas que, estranhamente, os pessimistas não parecem enfrentar e, diante disto, ele lança um desafio:

“Não se compreende, então, que (...) há uma experimentação metafísica e uma somente, que é a morte, a qual decide a questão sempre pendente do ser ou não ser? (...) E, então, o que queríamos com toda seriedade, se não o queremos já em ato?”⁴⁵

⁴¹ Cf. BLONDEL, M. *Op. cit.* p. 56.

⁴² Cf. *Ibidem*.

⁴³ Cf. *Idem*. p. 56.

⁴⁴ Cf. *Idem*. p. 56-57.

⁴⁵ Cf. *Idem*. p. 57.

Apesar desta contradição na vida prática dos pessimistas, Blondel reconhece que há um certo número de pessoas que se convencem, sinceramente, de ter descoberto na experiência da vida ou nas certezas da ciência a prova de sua anulação. A respeito ele afirma:

“São sinceros, mas uma coisa é a sinceridade das teorias e dos pensamentos e outra a sinceridade dos sentidos, dos desejos, das resoluções práticas, que, pela intervenção da reflexão doura e da lógica das palavras, pode ser dissimulada, sem ser abolida”⁴⁶.

Portanto, não é tão simples afirmar o nada do homem, quando levantamos um questionamento mais rigoroso sobre o assunto. Além disto, acrescente-se que o nada também não pode ser afirmado em nome da experiência e da ciência, o que passamos a examinar.

3.3 - Não se pode afirmar o nada do homem em nome da experiência e da ciência

Não posso negar o nada do homem em nome da experiência e da ciência⁴⁷. De fato, mesmo quando eu nego a natureza e o espírito, mesmo quando tenha negado tudo o que posso negar, fica sempre alguma coisa por negar, um infinito que me escapa. Mesmo que chegasse à indeterminação pura, ou ao que os antigos chamavam “matéria prima” ou ainda à “essência do ser” ou o ser sem ser (*tò o;meron*), por detrás de tudo isto há sempre qualquer coisa que toma corpo, uma realidade desconhecida, um verdadeiro mistério, diante do qual o entendimento já não opera mais, porque assombrado pela grandeza do que vê, mas com uma certeza: Que não o pode compreender, que nada pode ser compreendido, negado, posto em dúvida, admitido, sem esta misteriosa afirmação⁴⁸. Por isso, Blondel pergunta: “Que significa, pois, crer e aspirar ao nada de todo o objeto do pensamento e do desejo?” Ele mesmo responde:

“Significa que, por um ato de fé e de reconhecimento espontâneo, que supera a ciência, por uma decisão original que manifesta a iniciativa da vontade, se reconhece esse Grande Todo, do qual sobretudo gostam de falar os que auspiciam o aniquilamento. Tudo ou Nada são, para eles, termos equivalentes”⁴⁹.

Por toda parte explode, pois, nos pessimistas, uma idéia sublime e como que um desejo eterno de ser, isto é, aquilo que negam, revela a grandeza do que querem. Assim, o espírito humano encontra até mesmo no nada o que já não parecia buscar: algo do ser ou quiçá o Ser, pois inclusive na afirmação do nada encontra-se uma crença e uma

⁴⁶ Cf. *Ibidem*.

⁴⁷ Cf. BLONDEL, M. *Op. cit.* p. 58.

⁴⁸ Cf. *Ibidem*.

⁴⁹ Cf. *Idem*. p. 59.

homenagem ao Ser desconhecido⁵⁰. Blondel, então, conclui: “*Deste modo, a vontade que se dirige à aniquilação da pessoa humana funda-se, saiba ou não saiba, sobre uma estima singular e um amor absoluto do ser*”⁵¹.

Pode-se, pois, concluir que a não-vontade ou a “nolontade” (‘nolonté’) termina por afirmar o que pretendia negar. Em outras palavras, afirmar que se quer o nada equivale, na realidade, a “querer ser”.

3.4 - “Querer ser” é a palavra final do pessimismo

Pode-se, por acaso, querer sinceramente a destruição total ou a destruição de nossa vontade, ou seja, de nós mesmos? Blondel afirma que não, pois, segundo ele, até mesmo o suicídio metafísico não revelaria, senão um amor enlouquecido e enfurecido pelo ser⁵². De fato, será que bastaria não querer ser, para que o ser fosse destruído? A vontade que cria e aniquila tudo, segundo seu capricho, teria a capacidade suprema de aniquilar-se a si mesma? Refletindo bem, diz Blondel:

“O pessimismo faz explodir uma enorme e invencível confiança na potência total da vontade, porque ela aparece, por sua vez, necessária e suficiente para produzir a dor da existência, como também para criar o feliz aniquilamento que não existiria sem ela. E, para além deste fim querido e proclamado, existe uma fé plena, há um hino à ação soberana e criadora do querer”⁵³.

No fundo desta busca do nada, há um não camuflado desejo de ser, de “querer ser”, como palavra final do pessimismo. A propósito, Blondel possui uma frase bem condensada, que exprime sua crítica à doutrina do pessimismo:

“Tanto no *querer-ser* como no *querer não ser* e no *querer não querer* subsiste sempre este termo comum, *querer*, o qual domina com sua inevitável presença todas as formas da existência ou da aniquilação”⁵⁴.

Pode-se, pois, dizer que há uma dupla ambigüidade sobre o sentido das palavras “*ser*” e “*nada*”. De fato, segundo Blondel:

“Algumas vezes por “*ser*” entende-se esta vida enganosa, marcada pela quimera e pelo magia dolorosa do fenômeno universal, e, então, no “*querer ser*”, é o “*querer*” que é nada, e o “*ser*” é o mal e a ilusão real: ‘*si fallor, non sum*’. Outras vezes, por “*ser*” há que entender a vontade profunda que não se possui a si mesma e não se

⁵⁰ Cf. *Ibidem*.

⁵¹ Cf. *Ibidem*.

⁵² Cf. BLONDEL, M. *Op. cit.* p. 60

⁵³ Cf. *Idem*. p. 61.

⁵⁴ Cf. *Ibidem*.

libera senão destacando-se de toda forma individual, de toda vida própria. Então, no querer ser, é o ser o que não é, enquanto o querer é o único que tem realidade infinita: ‘*si non fallor, sum*’⁵⁵.

Há, portanto, uma incoerência e contradição da vontade. Se ela quer ser, ela se perde. Para ser, é necessário que não se queira a si mesma. Mas a vontade somente pode negar-se deste modo, se previamente começou por afirmar-se. Ou seja, antes de não querer, é necessário que haja querido. De uma parte, o “*querer ser*” não é eficaz, o “*querer não ser*”, pelo contrário, o é. De outra parte, não é o ser o que constitui o mal, já que não existe, senão a vontade de viver, e não é do querer, mas do ser e do viver que é necessário ficar curado. Sucede, então, como se algumas vezes a vontade fosse o fenômeno do ser e outras o ser do fenômeno. Neste caso, ou o sofrimento é ilusório, já que deriva do querer viver, que é uma ilusão, ou é sério, digno de fazer parte da vida e, então, sucede que este sofrimento é a consequência real de uma vontade real que pode existir. Deste modo, ou o sofrimento não existe, ou procede de um fundo de amor ao ser. O pessimismo, portanto, se perde em contradições insolúveis, porque procede de um duplo querer: o querer do fenômeno e o querer do ser⁵⁶.

Não existe, portanto, uma concepção simples e distinta, nem uma vontade franca e homogênea do nada. Afirmar o nada é afirmar também todo este sistema de coordenadas contraditórias, de modo que a vontade do nada é necessariamente incoerente, pois a vontade acaba sempre por querer o que quis excluir⁵⁷. Deste modo, desde que colocamos o problema da ação, da ação do querer, já temos uma solução positiva do mesmo, porque ao querer, implicitamente afirmamos que “existe algo”:

“*Existe algo*: esta proposição simples e vaga, que não parecia difícil de ser alcançada, (...) termina assim por tornar-se tão evidente e tranquilizadora, quanto o é esta afirmação ambígua e terrível: ‘*Não existe nada*’. Há algo em nossas sensações e em nossos prazeres, em nosso conhecimento e em nossos atos; a maior parte da pessoas vive com esta convicção. É o caminho largo e amplo por onde avança o grosso da humanidade”⁵⁸.

Blondel reconhece que estas palavras, sem dúvida, não tem precisão filosófica e precedem toda profissão de fenomenismo, de criticismo ou de idealismo, mas traduzem o movimento ingênuo da vida que se enamora de si mesma e de tudo o que a sustenta, sem saber o que ela é. Apesar disto, o fato é que em meus atos, no mundo, em mim, fora de mim, não sei donde, nem exatamente o que, mas o fato é que “*existe algo*” (*‘Il y a quelque chose’*) e não o “*nada*”⁵⁹.

⁵⁵ Cf. *Ibidem*.

⁵⁶ Cf. *Idem*. p. 62.

⁵⁷ Cf. *Idem*. p. 63-64.

⁵⁸ Cf. *Idem*. p. 65.

⁵⁹ Cf. *Ibidem*.

Conclusão

Conclui-se, portanto, que não existe a via negativa da ação. A reflexão blondeliana tentou mostrar que, ao querer o nada, sempre “há algo” que se quer. Deste modo, supera-se a via que postulava o nada, através de uma crítica do pessimismo, notadamente do sistema voluntarístico de Schopenhauer.

Se existe algo, Blondel passa a examinar, em seqüência, toda a ordem sensível, científica, moral e social, que será o objeto de estudo da terceira parte de “L’Action”. De fato, como a vontade, que não tende nunca ao nada, orienta-se normalmente para o objeto da sensação ou do conhecimento, é necessário fazer uma análise do fenômeno da ação. Esta parte da obra é considerada decisiva e, por meio de um exame rigoroso de cada etapa, procura superar uma visão positivista do mundo e do sentido da vida. Passo a passo, Blondel prepara-nos para a questão suprema: Para aquele que se limita à ordem natural, existe ou não existe uma concordância entre a ‘*vontade que quer*’ (‘*volonté voulante*’) e ‘*vontade querida*’ (‘*volonté voulue*’)?⁶⁰ Na análise blondeliana, a ação é a *síntese* deste duplo querer. Contudo, a questão é saber se a ação encontra, finalmente, em si mesma, a razão de sua definição e de sua auto-suficiência. Isto o leva a perguntar: Limitar-se-á, sim ou não, a vida do homem ao que é do homem e da natureza, sem recorrer a nada transcendente?⁶¹

Para fundamentar a “*ciência da ação*”, nesta terceira parte da obra, através de cinco etapas⁶², Blondel examina o “fenômeno” da ação, concluindo que a ‘*vontade que quer*’ (‘*volonté voulante*’) não pode enclausurar-se na idolatria de um objeto, como expressão exterior da ‘*vontade querida*’ (‘*volonté voulue*’). Contentar-se com um o ‘*objeto*’ da ‘*vontade querida*’ seria frustrar o desejo insaciável da ‘*vontade que quer*’, através de um fechamento egoístico e supersticioso em um ídolo. Se não reprimirmos a ‘*vontade que quer*’, temos que admitir seu querer infinito, a exigir uma abertura de transcendência metafísica, rumo ao ser.

A questão da abertura ao ser é o objeto de estudo da quarta parte da “L’Action”⁶³, que ainda aponta para uma atitude de espera ou, melhor, de disponibilidade. Enfim, na quinta parte da obra⁶⁴, há uma reflexão que, talvez, ultrapasse os limites da simples filosofia, enquanto Blondel faz algumas considerações sobre a resposta da transcendência ao desejo insaciável e infinito da ‘*vontade que quer*’, fazendo uma referência à questão da Revelação, por um breve exame cristão das condições de credibilidade e da acolhida da divindade no ato de fé.

⁶⁰ Cf. BLONDEL, M. *Op cit.* p. 66.

⁶¹ Cf. *Ibidem.*

⁶² A III Parte de “L’Action” traz por título “O fenômeno da ação” e vai da p. 69 à 368.

⁶³ A IV Parte de “L’Action” traz por título “O ser necessário da ação” e vai da p. 369 à 436.

⁶⁴ A V Parte de “L’Action” traz por título “O acabamento da ação” e vai da p. 437 à 519 e a Conclusão vai da p. 521 à 546.

Podemos, pois, concluir que o pensamento de Blondel, desenvolvido na obra “L’Action”, com o emprego do método da imanência, não se encerra num sistema fechado, enquanto ele procura mostrar que tal postura levaria a ‘*vontade que quer*’ (‘*volonté voulante*’) à ação supersticiosa ou idolatria, pelo fechamento no objeto da ‘*vontade querida*’ (‘*volonté voulue*’), o que seria uma negação arbitrária da abertura infinita, posta pela exigência da própria ação. Observe-se, contudo, que Blondel não propõe um voluntarismo, mas procura fazer uma “ciência da ação” ou, como diz o subtítulo da obra: uma ciência da prática.

Figurativamente, há quem compare o pensamento de Blondel, convidando a “não parar” na busca indefinida da “vontade que quer” (‘*volonté voulante*’), com o “Pantheon” de Agripa - Roma, que, ao tempo do Império Romano, fora abrigo de todos os deuses⁶⁵. De fato, o edifício do “Pantheon” possui uma cúpula aberta, a sugerir que há uma abertura para o além, para o transcendente ou o sobrenatural, abertura por onde entra a luz, que ilumina todo o edifício. Esta imagem plástica e figurativa poderia caracterizar a abertura da reflexão filosófica de Blondel para uma possível ação da parte da transcendência, ou seja, por parte de Deus, imagem a sugerir e a permitir um diálogo entre razão e fé.

Em síntese, “L’Action” de Blondel conclui que a vida tem sentido. A doutrina do “nada” não elimina o “querer”. Quer-se algo. A “vontade que quer” (‘*volonté voulante*’) jamais se exaure em objeto algum, ou seja, em nenhuma “vontade querida” (‘*volonté voulue*’). Só o infinito, aguardado na espera da disponibilidade, será a palavra final do exame da “ação” humana. Em última instância, somente Deus poderia aplacar o desejo infinito da “vontade que quer” e, de outra parte, somente o sobrenatural, dado por revelação e graça à disponibilidade daquele que se abre e espera, pode satisfazer este desejo.

“L’Action” é, talvez, uma das obras mais surpreendentes entre as que tentam resolver os impasses e os reducionismos do pensamento moderno, constituindo-se, também hoje, mesmo após mais de cem anos de sua publicação, numa fonte inspiradora para o pensamento contemporâneo, por vezes ameaçado de sucumbir nos meandros da razão fragmentada e instrumental ou nos desencantos do Pós-Moderno, exatamente porque Blondel não despreza a modernidade, mas pensa-a de modo original e aponta caminhos de uma fecunda superação dos seus impasses e problemas.

ABSTRACT: This paper is about the II Part of the M. Blondel’s book “*L’Action*” (1893), which examines the negative solution of the action. After explaining shortly the main arguments in favor of the nothing, Blondel shows that the Critical Philosophy is the root of the metaphysical pessimism, while

⁶⁵ Cf, LACROIX, J. *Maurice Blondel. Sa vie, son œuvre, avec un exposé de sa philosophie*. Paris : PUF, 1963, p. 11.

putting in conflict the speculative reason and the practical reason, breaking the fruitful unity of the action, that enabled the development of the Schopenhauer's nihilistic voluntarism. However, we couldn't affirm the nothingness of man and the action in the name of experience and science. There are contradictions in the Schopenhauer's voluntaristic system. The last word of pessimism is "want to be". Something exists, and the will always wishes something. Distinguishing the "will that wants" ('*volonté voulante*') and the "will wanted" ('*volonté voulue*'), Blondel points to the infinite opening of the "will that wants": the "action" itself claims to the transcendent.

KEY WORDS: Blondel, action, nothing, will.

Bibliografia

BABOLIN, Sante. *De 'L'action' à la culture*. In : COUTAGNE, Marie-Jeanne (ed.). *Maurice Blondel et la quête du sens*. Sous la direction de Marie-Jeanne COUTAGNE. Préface de Jean FERRARI. Paris: Beauchesne, 1998.

———. *L'Estetica di Maurice Blondel. Una scienza normativa della sensibilità con estratti dei Manoscritti sull'estetica di M. Blondel*. Roma: Università Gregoriana Editrice, 1974.

BIDERI, Diogène. *Lecture blondélienne de Kant dans les principaux écrits de 1893 à 1930. Vers un dépassement de l'idéalisme transcendantal dans le réalisme intégral*. Roma : Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1999.

BLONDEL, Maurice. *L'Action (1893). Essai d'une critique de la vie et d'une science de la pratique*. Paris : Presses Universitaires de France, 1973. Tradução espanhola: *La Acción (1893). Ensayo de una crítica de la vida y de una ciencia de la práctica*. Introducción, versión y notas de Juan María ISASI y Cesar IZQUIERDO. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1996.

———. *L'Action. Tome I: Le Problème des Causes secondes et le Pur Agir*. Paris : Alcan, 1936.

———. *L'Action. Tome II : L'Action Humaine et les Conditions de son Aboutissement*. Paris : Alcan, 1937.

BRUN, JEAN. *Le moment historique de Maurice Blondel*. In: FERRARI, Jean (ed.). *Recherches Blondéliennes. A l'occasion du centième anniversaire de la soutenance de 'L'Action', le 7 juin 1893. Dijon, le 7 juin 1993*. Sous la direction de Jean FERRARI. Dijon : Éditions Universitaires de Dijon, 1994, pp.115-124.

CORNATI, Dario. *L'ontologia implicita nell' "Action" (1893) di Maurice Blondel*. Milano: Glossa; Roma: Pontificio Seminario Lombardo, 1998.

COUTAGNE, M. J. (ed.). *L'action. Une dialectique du Salut. Colloque du centenaire, Aix-en-Provence, mars 1993*. Textes rassemblés par M. J. COUTAGNE. Paris: Beauchesne, 1994.

COUTAGNE, Marie-Jeanne (ed.). *Maurice Blondel et la quête du sens*. Sous la direction de Marie-Jeanne COUTAGNE. Préface de Jean FERRARI. Paris: Beauchesne, 1998.

COUTAGNE, Marie-Jeanne. *Maurice Blondel, une dramatique de la modernité*. In : FOLSCHEID, Dominique (ed.). *Maurice Blondel, une dramatique de la modernité. Actes du colloque Maurice Blondel, Aix-en-Provence, mars 1989*. Publ. sous la dir. Du Pr Dominique FOLSCHEID. Organisé par le Séminaire Saint Luc d'Aix-en-Provence. Paris: Éd. Universitaires, 1990, pp. 7-9.

———. *Renouveau et vitalité des études blondéliennes*. In : COUTAGNE, Marie-Jeanne (ed.). *Maurice Blondel et la quête du sens*. Sous la direction de Marie-Jeanne COUTAGNE. Préface de Jean FERRARI. Paris: Beauchesne, 1998, pp. 11-16.

CRIPPA, R. *Il realismo integrale di Maurice Blondel*. Milano: Bocca, 1954.

D'AGOSTINO, Simone. *Dall'atto all'azione. Blondel e Aristotele nel progetto de "L'action" (1893)*. Prefazione di Peter HENRICI. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1999.

FAVRAUX, Paul. *Blondel: une philosophie du médiateur*. In: FOLSCHEID, Dominique (ed.). *Maurice Blondel, une dramatique de la modernité. Actes du colloque Maurice Blondel, Aix-en-Provence, mars 1989*. Publ. sous la dir. Du Pr Dominique FOLSCHEID. Organisé par le Séminaire Saint Luc d'Aix-en-Provence. Paris: Éd. Universitaires, 1990, pp. 169-179.

FERRARI, Jean. *La soutenance de 'L'Action', le 7 juin 1893. Circonstances historiques et signification philosophique*. In: FERRARI, Jean (ed.). *Recherches Blondéliennes. A l'occasion du centième anniversaire de la soutenance de 'L'Action', le 7 juin 1893. Dijon, le 7 juin 1993*. Sous la direction de Jean FERRARI. Dijon: Éditions Universitaires de Dijon, 1994, pp. 9-27.

FOLSCHEID, Dominique (ed.). *Maurice Blondel, une dramatique de la modernité. Actes du colloque Maurice Blondel, Aix-en-Provence, mars*

1989. Publ. sous la dir. Du Pr Dominique FOLSCHEID. Organisé par le Séminaire Saint Luc d'Aix-en-Provence. Paris: Éd. Universitaires, 1990.

FOLSCHEID, Dominique. *Vie vivante et vie vécue pour une nouvelle actualité de Maurice Blondel*. In: FOLSCHEID, Dominique (ed.). *Maurice Blondel, une dramatique de la modernité. Actes du colloque Maurice Blondel, Aix-en-Provence, mars 1989*. Publ. sous la dir. Du Pr Dominique FOLSCHEID. Organisé par le Séminaire Saint Luc d'Aix-en-Provence. Paris: Éd. Universitaires, 1990, pp. 135-153.

GABELLIERI, Emmanuel. *Blondel et Heidegger. 'L'action' et la 'Verité le l'être'*. In: COUTAGNE, M. J. (ed.). *L'action. Une dialectique du Salut. Colloque du centenaire, Aix-en-Provence, mars 1993*. Textes rassemblés par M. J. COUTAGNE. Paris: Beauchesne, 1994, pp. 67-80.

GILBERT, Paul. *Le phénomène, la médiation et la métaphysique. Le dernier chapitre de 'L'action' (1893) de Maurice Blondel. I-II*. In: *Gregorianum*. Roma, 1989 (70), n° 1, pp. 93-119; n° 2, pp. 291-319.

GREISCH, Jean. *De l'action à la pragmatique. Une nouvelle interprétation de Blondel*. In: *Recherches de Science Religieuse*. Paris, 1990 (78), n° 2, pp. 175-197.

HENRICI, Peter. *Blondels 'A'ction' im Lichte der klassischen deutschen Philosophie*. In: *Theologie und Philosophie*. Freiburg i. B., 1989 (64), pp. 161-178.

HOMMES, ULRICH. *Blondels Phänomenologie des Willens im Licht gegenwärtiger Erfahrung*. In: *Theologie und Philosophie*. Freiburg i. B., 1989 (64), pp. 179-198.

ISASI, Juan M. *Actualidad y fecundidad de la filosofía dialéctica blondeliana*. In: *Pensamiento*. Madrid, 1990 (46), n° 183, pp. 285-303.

KOPPER, Joachim. *La philosophie de 'L'Action' (Blondel, 1893) et la foi religieuse pure (Kant, 1793)*. In: FERRARI, Jean (ed.). *Recherches Blondéliennes. A l'occasion du centième anniversaire de la soutenance de 'L'Action', le 7 juin 1893. Dijon, le 7 juin 1993*. Sous la direction de Jean FERRARI. Dijon: Éditions Universitaires de Dijon, 1994, pp. 69-76.

LACROIX, J. *Maurice Blondel. Sa vie, son œuvre avec un exposé de sa philosophie*. Paris : PUF, 1963.

LECLERC, Marc. *Blondel et Leibniz. Du parallélisme des phénomènes et des monades au réalisme de l'union substantielle*. In: TOURPE, Emmanuel (dir.). *Penser l'être de l'action. La métaphysique du "dernier" Blondel*. Ouvrage collectif sous la direction d'Emmanuel TOURPE. Avec des textes de P. DE COINTET et al. Suivis d'un article

de Maurice BLONDEL (1947) : “*La métaphysique comme science de l’au-delà intérieur et supérieur à la nature comme au sujet*”. Leuven : Peeters, 2000, pp. 209-223.

———. *Il Destino Umano nella Luce di Blondel*. Assisi. Cittadella Editrice, 2000.

———. *L’Action et l’union substantielle*. In : *Gregorianum*. Roma, 1995 (76), n° 4, pp. 729-742.

———. *L’union substantielle. I. Blondel et Leibniz*. Namur : Culture et Vérité, 1991.

LÉONARD, André. *La méthode d’immanence et la problématique de ‘L’Action’*. In : FOLSCHEID, Dominique (ed.). *Maurice Blondel, une dramatique de la modernité. Actes du colloque Maurice Blondel, Aix-en-Provence, mars 1989*. Publ. sous la dir. Du Pr Dominique FOLSCHEID. Organisé par le Séminaire Saint Luc d’Aix-en-Provence. Paris: Éd. Universitaires, 1990, pp.103-110.

LIVET, Pierre. *Philosophie de l’action et théorie de l’action*. In : COUTAGNE, M. J. (ed.). *L’action. Une dialectique du Salut. Colloque du centenaire, Aix-en-Provence, mars 1993*. Textes rassemblés par M. J. COUTAGNE. Paris: Beauchesne, 1994, pp. 83-104.

LONG, Fiachra. *Blondel on the origin of philosophy*. In: *Philosophy Today*. Celina., 1989 (33), n° 1, pp. 21-27.

———. *The post-modern flavour of Blondel’s method*. In: *International Philosophical Quarterly*. Bronx. (N.Y.), 1991 (31), n° 1, 15-22.

MARION, Jean-Luc. *La conversion de la volonté selon ‘L’Action’*. In : FOLSCHEID, Dominique (ed.). *Maurice Blondel, une dramatique de la modernité. Actes du colloque Maurice Blondel, Aix-en-Provence, mars 1989*. Publ. sous la dir. Du Pr Dominique FOLSCHEID. Organisé par le Séminaire Saint Luc d’Aix-en-Provence. Paris: Éd. Universitaires, 1990, pp. 154-165.

NZIGIRA, Jean-Baptiste. *Science et problème de l’action chez Blondel*. In : *Raison ardente*. Kinshasa, 1987, n° 26, pp. 33-57.

PARAIN-VIAL, Jeanne. *L’acte et l’action chez Maurice Blondel et Gabriel Marcel*. In : COUTAGNE, M. J. (ed.). *L’action. Une dialectique du Salut. Colloque du centenaire, Aix-en-Provence, mars 1993*. Textes rassemblés par M. J. COUTAGNE. Paris: Beauchesne, 1994, pp. 105-122.

PATRÃO-NEVES, Maria do Ceu. *Le réalisme intégral et spirituel de Maurice Blondel*. In : TOURPE, Emmanuel (dir.). *Penser l'être de l'action. La métaphysique du "dernier" Blondel*. Ouvrage collectif sous la direction d'Emmanuel TOURPE. Avec des textes de P. DE COINTET et al. Suivis d'un article de Maurice BLONDEL (1947) : "La métaphysique comme science de l'au-delà intérieur et supérieur à la nature comme au sujet". Leuven : Peeters, 2000, pp. 119-140.

RAFFELT, Albert et al. (ed.). *Das Tun, der Glaube, die Vernunft. Studien zur Philosophie Maurice Blondels: "L'Action" 1893-1993*. Hrsg. von albert RAFFELT et al.. Würzburg: Echter, 1995.

RENAULT, M. *Déterminisme et liberté dans "L'Action" de Maurice Blondel*. Lyon : Vitte, 1965.

SCANTIMBURGO, João de. *A filosofia da ação. Síntese do Blondelismo*. São Paulo: Digesto Econômico, 1982.

TEXIER, Roger. *Maurice Blondel. Le défi de l'action à l'athéisme actuel*. In : *Nouvelle Revue Théologique*. Tournai, 1992 (114), n° 5, pp. 708-725.

THEOBALD, C. *Maurice Blondel und das Problem der Modernität. Beitrag zu einer epistemologischen Standortbestimmung zeitgenössischer Fundamentaltheologie*. Frankfurt a. M.: Verlag Josef Knecht, 1988.

TILLEITTE, Xavier. *Blondel et la métaphysique*. In : COUTAGNE, Marie-Jeanne (ed.). *Maurice Blondel et la quête du sens*. Sous la direction de Marie-Jeanne COUTAGNE. Préface de Jean FERRARI. Paris: Beauchesne, 1998, pp. 119-131.

TROISFONTAINES, Claude. *La critique de Schopenhauer dans "L'Action"*. In : FERRARI, Jean (ed.). *Recherches Blondéliennes. A l'occasion du centième anniversaire de la soutenance de 'L'Action', le 7 juin 1893. Dijon, le 7 juin 1993*. Sous la direction de Jean FERRARI. Dijon : Éditions Universitaires de Dijon, 1994, pp. 77-95.

———. *L'approche phénoménologique de l'être selon Maurice Blondel*. In : FOLSCHEID, Dominique (ed.). *Maurice Blondel, une dramatique de la modernité. Actes du colloque Maurice Blondel, Aix-en-Provence, mars 1989*. Publ. sous la dir. Du Pr Dominique FOLSCHEID. Organisé par le Séminaire Saint Luc d'Aix-en-Provence. Paris: Éd. Universitaires, 1990, pp. 69-80.

TOURPE, Emmanuel (dir.). *Penser l'être de l'action. La métaphysique du "dernier" Blondel*. Ouvrage collectif sous la direction d'Emmanuel TOURPE. Avec des textes de P. DE COINTET et al. Suivis d'un article

de Maurice BLONDEL (1947) : “*La métaphysique comme science de l’au-delà intérieur et supérieur à la nature comme au sujet*”. Leuven : Peeters, 2000.

VERWEYEN, Hansjürgen. *Maurice Blondel Philosophie der Offenbarung im Horizont “postmoderne” Denkens*. In: Archivio di Filosofia. Padova, (1994 (62), n° 1-3, pp. 423-437.

VIRGOULAY, René. ‘L’Action’ de Maurice Blondel (1893). Relecture pour un centenaire. Paris : Beauchesne, 1992.

———. *La méthode d’immanence dans ‘L’Action’ de 1893*. In : COUTAGNE, M. J. (ed.). *L’action. Une dialectique du Salut. Colloque du centenaire, Aix-en-Provence, mars 1993*. Textes rassemblés par M. J. COUTAGNE. Paris: Beauchesne, 1994, pp. 43-65.

WILMER, Heiner. *Mystik zwischen Tun und Denken. Ein neuer Zugang zur Philosophie Maurice Blondels*. Freiburg i. Br., Basel, Wien: Herder, 1992.